

TEC - CÂMARA DE ARQUITETURA E ENGENHARIAS (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: FRANCISLEI LIMA DA SILVA

TÍTULO: AS ROCALHAS NOS JARDINS ROMÂNTICOS MINEIROS (1894-1921)

AUTORES: FRANCISLEI LIMA DA SILVA, FRANCISLEI LIMA DA SILVA

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): PAPq UEMG

PALAVRA CHAVE: ARQUITETURA RÚSTICA, PITORESCO, JARDINS ROMÂNTICOS, ROCALHAS

RESUMO

As primeiras experiências com argamassa de cimento realizadas por engenheiros civis e paisagistas, ao que indicam os estudos de Nelson Porto Ribeiro (2014) e Carlos Terra (2013), mesmo antes da importação do cimento Portland da Inglaterra, fizeram com que a arte da rocalha se tornasse fortemente popular ao final do século XIX no Brasil. "Quase todo jardim deste período, mesmo o pequeno jardim caseiro, vai incorporar elementos que serão produzidos em escala semiartesanal e vendidos pelos fabricantes europeus para várias partes do mundo" (RIBEIRO 2014, p.04).

À medida que essa técnica passa a ser difundida no país, também o Governo de Minas Gerais, como parte do seu projeto político de melhoramento urbano, utiliza em seus novos espaços públicos as rocalhas como estruturas resistentes e esteticamente apropriadas para equipar as áreas verdes. Nesse contexto, estando previsto em suas ações a edificação da nova capital do Estado e dos monumentos da água nas estâncias hidrominerais a sul do Estado, o governo optou pela arquitetura rústica como solução construtiva apropriada aos jardins. Dado à concentração de rocalhas nas cidades mineiras, acreditamos que esse conjunto de obras em argamassa de cimento possa contribuir para o aprofundamento das pesquisas sobre a história da arquitetura rústica de jardins no Brasil. Tal estudo tem buscado compreender como se deu o uso da técnica em argamassa de cimento, das experimentações e soluções encontradas pelos fingidores para a construção de estruturas modestas no interior do estado de Minas Gerais, como também a utilização de construções rústicas em complementação a jardins e fontes como um modismo de fomentos românticos, tal como um desmembramento da grande corrente estilística internacional homônima.

A partir da pesquisa da documentação escrita e iconográfica para compreensão do vocabulário das rocalhas construídas em Minas entre as duas últimas décadas do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX podemos afirmar que alguns artífices como Francisco da Silva Reis apresentavam limitações técnicas claras para a construção de um monumento da água. Contudo, tais fingidores tinham liberdade de criação, cabendo a eles a execução das cascatas e quiosques sem o indício de prévia análise de projetos e esboços ou uso de estruturas sobre a autoridade de um paisagista, como acontece com as rocalhas projetadas para as áreas verdes da nova capital Belo Horizonte, previamente aprovadas pela Divisão de Arruamento, Calçamento, Parques e Jardins. O bolsista vem consultando coleções em arquivos, bibliotecas públicas e museus das cidades de Baependi, Campanha, Carmo de Minas, Caxambu, Cristina, Lambari, Passa Quatro e São Lourenço, bem como dossiês de tombamento e fichas de inventário. Também estão sendo realizadas consultas ao acervo da Comissão Construtora da Nova Capital reunido no Arquivo Público Mineiro, Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte e no Museu Histórico Abílio Barreto.

Os resultados prévios nos levam à confirmação da hipótese de que a fabricação dos equipamentos rústicos se dava em conformidade com o sítio onde deveria surgir um adorno da natureza. Essas construções atendiam às exigências dos agentes políticos e engenheiros responsáveis pelo equipamento urbanístico das áreas centrais da cidade, em curto tempo, dotando-as da infraestrutura prevista em seus projetos de planejamento urbano a fim de garantir os lucros do Estado. Com a importação para o Brasil da moda dos equipamentos pitorescos para jardins, a construção de rocalhas como monumentos e mobiliário urbano funcional e decorativo confere uma forma particular ao desenho de parques, praças e jardins. A questão a ser esclarecida diz respeito não somente aos materiais usados, tais quais o tijolo, o ferro e o cimento, mas também à concepção cenográfica elaborada por meio de estruturas que imitam a rochas ou a madeira. Cabe a nós, portanto, ao pesquisar os artífices, compreender as referências de seu repertório, muita das vezes, inspiradas em imagens de catálogos franceses e ingleses, comparando as rocalhas dos jardins de Belo Horizonte com aquelas encontradas no interior do Estado. A partir disso poderemos concluir se a experimentação dos fingidores inserindo novos elementos no vocabulário das rocalhas se iniciou no período de construção dos jardins da nova capital.